

CADERNO DOIS

literatura

CRÔNICAS Relançamento de "O Óbvio Ululante" traz de volta o estilo mordaz de Nelson Rodrigues. **Pág. 3**



tradição

ESPECIAL Município de Aracruz é o tema da 14ª reportagem do Caderno Dois sobre a cultura no interior do Estado. **Pág. 5**



artes plásticas

PROMOÇÃO A GAZETA lança 12 volumes da Coleção Gênios da Arte a partir do próximo domingo. **Pág. 8**



Editor: José Roberto Santos Neves - jrneves@redegazeta.com.br - Tel.: (27) 3321-8608

BASTIDORES A EDITORA L&PM APROVEITOU A COMEMORAÇÃO DO CINQUENTENÁRIO DA OBRA PARA LANÇAR A BIOGRAFIA "KEROUAC", DE YVES BUIIN

Há 50 anos na estrada

Jack Kerouac mantém o fascínio junto aos leitores meio século após o lançamento de "On the Road"

TIAGO ZANOLI
tgarcia@redegazeta.com.br

Reza a lenda que Jack Kerouac escreveu "On the Road" em apenas três semanas. Quase ininterruptamente, ele teria datilografado, em um rolo de 36 metros de papel, 12 mil palavras, durante 14 horas diárias, ao som de Charlie Parker e sob o efeito de benzadrina (um tipo de anfetamina). Tudo para não perder o fôlego narrativo de sua "prosa espontânea".

Neste ano, quando se comemoram os 50 anos de "On the Road", a L&PM aproveita o embalo para lançar a biografia "Kerouac", de Yves Buin. Entre outros temas, o livro aborda a concepção do mítico romance e o nascimento da Geração Beat.

O mito em torno de "On the Road" sobrevive até hoje. A verdade, porém, é que o livro começou a ser escrito já em 1947, quando Kerouac botou o pé na estrada pela primeira vez. De fato, o lendário rolo de papel existe. Em 2001, foi arrematado por US\$ 2,4 milhões em um leilão. Mas, ao sentar-se à máquina de es-



EXPOENTE. Amado por uns e odiado por outros, o escritor é o maior ícone da Geração Beat e autor da bíblia do movimento

crever naquelas três semanas, Jack já havia "rascunhado" todas as cinco partes do romance.

O curioso é que, ao longo de meio século, quem leu o livro não ficou indiferente: amou ou odiou. De um lado, críticos afirmam ser péssima a qualidade literária do romance. De outro, é incontável o número de admiradores.

"É um livro com uma história feliz e um final triste, sobre amor, felicidade, pobreza e amizade, especialmente amizade", diz o estudante de Direito Cássio Rebouças de Moraes, 20 anos.

Ele conta que, depois de ler "On the Road", sentiu-se, certas vezes, culpado por planejar demais sua vida. "Dá uma vontade imensa de largar tu-

do, colocar uma mochila nas costas e ir conhecer o mundo e as pessoas. Infelizmente, os tempos são outros."

Cássio leu o romance em 2004, quando cursava o 3º ano do ensino médio. Foi por meio de um ex-professor de inglês que descobriu o livro. "Ele contou que leu quando vivia nos Estados Unidos e que estava muito feliz por encontrar

um exemplar aqui no Brasil."

O ex-professor chama-se Márcio Coelho, 38 anos. Em 1997, ele morava em Boston, nos Estados Unidos, e costumava pegar livros emprestados na biblioteca do bairro, para lê-los no trajeto de trem até o local onde trabalhava.

"Um dia encontrei 'On the Road' na biblioteca. Li em dois dias e fiquei remoendo trechos e diálogos na cabeça, enquanto caminhava da estação até meu apartamento, de madrugada", lembra.

INQUIETAÇÃO. Para ele, Kerouac representa a inquietação da juventude. "É aquela vontade de

espiar o que tem do outro lado da cerca, colocar a mochila nas costas e se mandar."

Sobre botar o pé na estrada, Márcio revela que isso sempre foi parte de sua vida, mesmo antes de ler o livro. "Pelo menos uma vez por ano preciso ir a algum lugar onde ninguém me conhece, sentar-me em um banquinho de praça e puxar assunto com alguém. Seja no interior de Minas Gerais, seja em uma capital da Europa. Essa troca de experiências me alimenta, não vivo sem ela."

Foi seu "espírito inquieto" que o levou a deixar de ser professor de inglês e tradutor para aceitar o emprego de rádio-operador em um navio petroleiro. "Virei marinheiro e, de certa maneira, continuei com o 'pé na estrada'", diz.

CONTRAS. Se a primeira resenha foi a favor de Kerouac, os demais críticos não mediram palavras contra, considerando o livro de má qualidade. O escritor Truman Capote, por exemplo, chegou a declarar: "Não é literatura, é datilografia".

"Não vou dizer que detestei o livro. Tentei reler, há pouco tempo, e, sinceramente, não achei muito literatura", diz o jornalista Edgard Reymann, 41 anos.

Segundo ele, muito se diz que os *beatniks* ajudaram a deflagrar um movimento de escritores que não sabem escrever, apenas "vomitam" no papel alguma coisa. "O pior é que a maioria de seus seguidores não possui conteúdo. Ficam só com maneirismos e clichês", acrescenta.

Mais literatura beat na página 2

ANÁLISE

Stelamaris Coser

Linguagem influenciada pelo blues e pelo jazz

A Geração Beat provocou uma revolução na maneira de se ler, analisar e produzir literatura. A crítica da época rejeitou os arroubos românticos e as ousadias iconoclastas dos *beatniks*. Em 1960, o influente crítico Harry Levin anunciava o fim da grandeza modernista e lamentava a suposta decadência literária da época, a exemplo da "rebelião sem causa" de Kerouac em "On the Road". Para Levin, os *beats* não apresentavam nada de novo nem tinham nada a dizer. Mas o romance de Kerouac tornou-se um dos mais lidos e influentes na literatu-

ra mundial, anunciando e impulsionando o crescente movimento da contracultura.

O autor, porém, estava longe de qualquer pretensão intelectual. Como indivíduo, mostrou muitas das contradições de seu protagonista, Sal Paradise. Apegado à família interiorana simples e católica, rebelou-se contra valores e hábitos da classe média e mergulhou na intensa vida urbana e na experimentação com sexo, bebida e drogas. Com isso, manteve-se politicamente conservador e um eterno solitário à procura do mistério espiritual, infinito e indefinível (o

it, muito repetido no texto em inglês). Personagem e autor parecem desejar a simplicidade e a dignidade tranqüila da vida em contato com a natureza, em uma infundável viagem em busca de significado. Os vários percursos, cruzando o país e a fronteira com o México, não trazem soluções, só a possibilidade de voltar e de novo partir, renovando a frustração e reafirmando a solidão humana.

Sal Paradise admira os indígenas mexicanos e os negros, percebendo neles a beleza e alegria que os brancos teriam perdido. A atração de Kerouac pela miscigenação

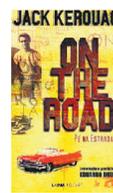
cultural fica evidente na linguagem e forma do texto, influenciado pela melancolia do blues e pela improvisação, espontaneidade e ritmo do jazz dos anos 40 e 50 (o *bebop*), misturando prazer, dor e euforia. O romance homenageia a música negra norte-americana em sua intensidade e beleza, mas ela não representa somente a cultura negra: é metáfora do país, "solitária como a América" - ao mesmo tempo em que resume vida e morte, êxtase e infinito.

A autora é professora do curso de Letras Inglês da Ufes

Confira



■ "Kerouac", de Yves Buin, L&PM, 264 páginas. Quanto: R\$ 17.



■ "On the Road", de Jack Kerouac. L&PM, 384 páginas. Quanto: R\$ 19,50.

Leia trecho de "On the Road" em www.gazetaonline.com.br/entretenimento

AS RUAS VÃO VIRAR PASSARELAS.

5X COM PRIMEIRO PAGAMENTO PARA OUTUBRO

Empório Armani - 9347 Red

www.oticasparis.com.br

ÓTICAS PARIS

é bom te ver aqui

Promoção válida apenas para óculos de grau completo (lentes e armação) e óculos de sol. Pagamento somente em cheque. Parcela mínima R\$ 50,00. Válido até 12/08/07 ou enquanto durar o estoque.

